

OS GÊNEROS DIGITAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO BÁSICO

*Renata Munhoz
Aline Abreu*

INTRODUÇÃO

Este capítulo inscreve-se no rol dos esforços que vêm sendo empreendidos com vistas ao aprofundamento da compreensão e da consequente aplicação da Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC. Mais do que um documento que prescreve diretrizes para a organização dos currículos escolares de maneira mais sólida com vistas à unidade nacional, o texto visa proporcionar uma formação mais reflexiva a cada brasileiro, com o respaldo de dez competências gerais. Dentre essas competências, lançamos um olhar mais cuidadoso à da cultura digital, que aponta à necessidade de a educação básica fazer uso qualificado, eficaz e ético de todo o aparato tecnológico disponível atualmente.

Para tanto, dividimos o texto em quatro partes que conduzem às sucintas considerações finais. Na primeira, sugerimos uma nova terminologia, tanto aos gêneros textuais já canonizados pelo currículo regular de Língua Portuguesa quanto aos gêneros digitais, a que dirigimos o olhar. A seguir, tratamos do conceito de letramento digital, comumente tido como habilidade essencial aos cidadãos do século XXI, com base nas diretrizes da BNCC.

Na seção “Ler e escrever (n)os/apesar dos gêneros textuais do presente”, discutem-se questões referentes às frentes de interpretação e de produção de texto com base no trabalho apoiado tanto em gêneros textuais apoiados em suporte papel como os veiculados em meios digitais. Apontam-se tópicos como o do entrecruzamento entre as modalidades oral e escrita e o conceito de desvio gramatical nos gêneros digitais.

Por fim, apresentam-se resultados de uma pesquisa de campo realizada com estudantes do nono ano do Ensino fundamental (anos finais) acerca do tema, a fim de se elencarem visões dos próprios estudantes, enquanto protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. Embora não se pretenda alcançar argumentação exaustiva, tampouco conclusiva, sobre os tópicos aqui sugeridos, deseja-se instigar novos olhares acerca de um objeto de estudo já tão dissecado como o conceito de “gênero textual”. Intenciona-se, pois, em última instância, alavancar novos projetos, capazes de (des/re)construir as relações ainda pouco consistentes entre os professores de Língua Portuguesa e os gêneros textuais sobre/a partir dos quais desenvolvem seu trabalho.

Para pensar sobre os gêneros textuais tradicionais e os do presente

Cabe retomar referenciais bibliográficos canônicos acerca dos gêneros textuais/discursivos, sobretudo em sua definição como enunciados relacionados à comunicação social. Para os primeiros estudos de Bakhtin (2011), que repercutiram em diversas outras pesquisas a partir do Círculo de Bakhtin, os gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados atrelados a situações da comunicação¹.

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo de comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Sendo assim, a comunicação humana tem capacidades infinitas e suas atividades comunicacionais remetem a vários gêneros, que são adaptáveis e progridem de acordo com o estágio da comunicação: um gênero textual torna-se

¹ Essa definição implica no conceito geral de que o ser humano tem a capacidade de adaptar-se às condições e às finalidades da interação de sua comunicação e é isso que o define como ser comunicativo inteligente. Grosso modo, indica-se aqui o conceito de “inteligência” de acordo com a definição geral da Psicometria, referente às capacidades de raciocinar, relacionar, aprender e relacionar com o que já tinha sido aprendido; bem como planejar, experienciar, dentre tantas outras habilidades que estão ligadas diretamente com a linguagem.

complexo devido ao fato de o *estágio de comunicação ser complexo*. Assim, infere-se que o que define o surgimento, o desaparecimento ou a adaptação de um gênero textual é a necessidade que cada ser humano tem para se comunicar e interagir dentro da sociedade em que está inserido. Dessa maneira, gênero textual e interação social estão interligados e cada um representa uma espécie de bússola ao outro, já que são mutuamente norteados. Afinal, “O gênero torna-se mais que uma entidade formal; ele se torna pragmático, completamente retórico, um ponto de ligação entre intenção e efeito, um aspecto da ação social” (MILLER, 1984, p. 24).

Além de sociais, os gêneros textuais são fenômenos históricos, haja vista que possuem vínculos com a sociedade, cultura e ideologia que os cercam e trazem consigo eventos que o designam.

Dizer que os gêneros são históricos equivale a admitir que eles surgem em determinados momentos na História da Humanidade. Contudo, no geral, não temos a história da maioria dos gêneros. J. Yates e W. J. Orlikowski (1992), por exemplo, analisaram o surgimento dos memorandos na virada do século XIX e mostraram como esses gêneros surgem numa relação muito estreita com mudanças institucionais, novas exigências e formas de relacionamento e novas tecnologias. Os gêneros virtuais prestam-se para um trabalho deste tipo porque são recentes, podendo-se reconstituir com facilidade sua história. Além disso, eles se situam num meio de extrema velocidade em relação a mudanças (MARCUSCHI, 2004, p. 15).

Como exemplo para o presente estudo, adota-se um gênero bastante antigo e fundamental a diversos momentos históricos da humanidade: a carta. Pode-se datar as primeiras aparições dos registros desse gênero textual juntamente com os contos populares e os mitos. Os reis do Oriente Médio escreviam cartas; quatro mil anos antes de Cristo, no Egito, notamos a presença de mensageiros de bilhetes escritos; e é possível citar a própria escritura sagrada – a Bíblia – em que nas escrituras Gregas Cristãs há 21 cartas que forneceram os necessários conselhos e encorajamento para seus destinatários. Vale mencionar que a primeira escritura literária produzida em terras brasileiras foi grafada na forma desse gênero textual: a famosa carta do escrivão Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manoel, cujo objetivo era divulgar a “descoberta” das terras brasileiras. Nota-se, portanto, que o gênero carta, por possuir vínculos com a sociedade e cultura que o rodeou e por trazer com ele alguns eventos que marcaram seu ponto de partida, pode ser considerado um fenômeno social e histórico.

Embora sem pretensões de adentrar nos domínios da ideologia, cabe apontar que o caráter social dos gêneros textuais não permite que sejam dissociados de posicionamentos ideológicos, afinal,

[...] gênero é um conjunto dos meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e se origina no processo da comunicação social ideológica (MEDVIÉDEV, 2012, p. 200).

À ideologia associam-se questões como a da manutenção do poder por meio do domínio de dados gêneros textuais, pois “os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural” e “refletem estruturas de autoridade e relações de poder muito claras.” (MARCUSCHI, 2004, p. 16). Para Miller (1984, p. 71), o gênero está ligado ao poder que rege as instituições sociais. Como exemplo, cita que quem domina o gênero textual da vida acadêmica, com práticas sociais de lecionar, escrever teses, defender as teses, montar apresentações em slides e relacionar interações são os intelectuais: estudantes e professores. Do mesmo modo, exemplifica que quem domina de forma magistral o texto escrito jornalístico são os jornalistas, redatores e cronistas. Assim, “os gêneros são vistos como produtos das atividades sociais (...) e como ferramentas que permitem que as pessoas realizem ações de linguagem e participem de diferentes atividades sociais” (ARAÚJO, 2010, p. 46).

Em acréscimo, para Bazerman (2005), os gêneros textuais não são apenas formas estáticas e, sim, formas de viver e ser. Os gêneros, em geral, enquadram os seus usuários a uma ação social – eles instruem, o ambiente é de aprendizagem para todos. Também moldam os pensamentos que formamos e as comunicações que fazemos a partir do momento em que há interação. Os gêneros são os espaços onde o sentido é construído e “são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são modelos que utilizamos para explorar o não-familiar” (BAZERMAN, 2005, p. 82).

A esses estudos com vistas a definições aprofundadas sobre os gêneros textuais, somam-se agora as pesquisas sobre os gêneros inseridos no meio digital, oriundos da inegável presença da tecnologia na sociedade contemporânea. Nesse viés, retomamos os avanços de pesquisas vanguardistas sobre o tema. Por exemplo, para Marcuschi (2004), os gêneros tecnológicos já não poderiam ser tidos como inéditos no momento em que produziu seu texto basilar sobre o assunto. Atualmente, no ano de 2019, tampouco se pode afirmar que sejam “emergentes”, como sugeriu o autor. Sendo assim, de maneira despretensiosa e com vistas meramente a alavancar novas reflexões, propõem-se aqui novas terminologias para os gêneros textuais digitais, a partir de agora chamados de “**gêneros do presente**”; bem como para os gêneros mais estabelecidos historicamente, comumente

tidos como mais estáveis e grafados em suporte papel na modalidade escrita, doravante “**gêneros tradicionais**”.

Comumente se entende que os gêneros do presente não sejam novos, mas adaptações, que, do mesmo modo, seriam “ações retóricas tipificadas baseadas em ações recorrentes”, de acordo com Miller (1984). Embora sejam bastante diferenciados em muitos aspectos de suas matrizes, a tabela abaixo aponta os gêneros textuais do presente e os gêneros tradicionais de que derivam:

Quadro 1 – Comparação entre gêneros associados

	GÊNEROS DO PRESENTE	GÊNEROS TRADICIONAIS
1	E-mail	Carta pessoal/ bilhete/correio
2	Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos)
3	Chat reservado	Conversações duais (casuais)
4	Chat ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados)
5	Chat em salas privadas	Conversações (fechadas)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoas convidadas
7	E-mail educacional (aula por e-mail)	Aulas por correspondência
8	Aula chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Videoconferência interativa	Reunião de grupo/conferência/debate
10	Lista de discussão	Circulares
11	Endereço eletrônico	Endereço pessoal
12	Blog	Diário pessoal, anotações, agendas.

Fonte: Marcuschi (2004, p. 31).

De acordo com a tabela sugerida por Marcuschi (2004), não há gêneros puramente tecnológicos. No entanto, as suas características básicas são definidas pelo uso do computador e, adicionado a isso, pela utilização da internet.

A internet proporciona uma comunicação tão rápida e fluida que os gêneros do presente recebem uma linguagem escrita mais informal. Mesmo assim, não descaracterizam os gêneros já existentes ou os tornam menos convencionais, ou seja, não alteram a estrutura linguística. Então, o que muda? A grande mudança está na forma como os textos são escritos e lidos. Os gêneros do presente são produzidos usando eixos de ligação mais dinâmicos e precisam ser lidos do ponto de vista distinto dos outros gêneros, observando o sequenciamento de ideias, os elos de coesão e coerência, bem como as intenções do locutor.

Embora sejam aqui situados em classificação que os diferencia dos gêneros já existentes antes do advento da internet, deve-se refletir que os gêneros do presente, diagnosticados por Marcuschi (2004) como um fenômeno “recente”, dos quais se pode “reconstituir com facilidade sua história” e se situar “num meio de extrema velocidade em relação a mudanças”; devem ser igualmente tidos como um fenômeno social, histórico e ideológico, uma vez que trazem consigo expressões e recursos típicos da vida cultural dos seus usuários e refletem estruturas de autoridade e de poder.

Mais do que o domínio da modalidade escrita da língua ou de um registro linguístico de prestígio social, o bom uso dos gêneros do presente exige o letramento digital, motivo pelo qual se aborda esse tópico a seguir. Por isso, pode-se compreender que os gêneros do presente adicionam valores aos gêneros textuais tradicionais. Eles não são mais emergentes, pois estão inseridos do dia a dia convencional, intelectual, escolar, empresarial, dentre outros, há poucas décadas. Assim como os gêneros tradicionais, existentes há mais tempo, eles interagem socialmente, mas precisam ser lidos observando sua linearidade, ou seja, a sequência ou encadeamento de ideias, para que haja entendimento de significado. Os gêneros do presente não excluem os tradicionais, nem os substituem, apenas aditam, inovam e revigoram os outros gêneros tão bem utilizados por nossos estudantes que já se encontram inseridos no *cyberespaço*, em Português, “*ciberespaço*”.

O conceito de ciberespaço começa a se delinear no século passado, com as inovações tecnológicas como fotografia, tocador de discos de vinil, as câmeras filmadoras, dentre outras tecnologias de registro analógico que passavam a receber sinal de áudio e vídeo e traduzi-lo para pulsos eletrônicos. Com o tempo, com o surgimento de telefones sem fio, celulares, computadores e internet, o processo de tecnologia digital abriu um novo campo para descobertas a partir das quais surgiu o ambiente virtual, o espaço cibernético.

O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como na pedagogia, estética, arte e política. O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores” (LÉVY, 1999, p. 29).

Para Lévy (1999), o espaço cibernético representa um estágio avançado de uma inteligência coletiva que se dá pela auto-organização social. Representa um espaço para comunicação que dá lugar a gêneros variados. Através desses espaços, as relações entre as pessoas e entre pessoas e tecnologia tem mudado.

Não há dúvidas de que o século XXI está marcado pela chegada de expressões tais como “ciberespaço” e “cibercultura”². O ciberespaço é um dos fenômenos mais recentes de nosso mundo moderno – é a convergência da cultura e da técnica em outros setores que fazem parte da vida contemporânea que estão cada vez mais sendo substituídos ou complementados pelas tecnologias digitais. O termo surgiu em 1984, com o autor de ficção científica Willian Gibson, em seu livro *Neuromancer*, e é utilizado para marcar um ambiente artificial onde navegam dados e relações sociais de forma indiscriminada. Para Gibson, ciberespaço é um espaço não físico, no qual uma insensatez consensual pode ser experimentada diariamente pelos usuários.

LETRAMENTO DIGITAL ADEQUADO À BNCC

Para se estudar os diversos gêneros textuais, recorre-se à Linguística em suas diversas correntes no Ensino Superior e à Gramática Normativa na educação básica. Além dessas, quando se trata de estudar os gêneros textuais digitais, é necessário considerar o “letramento digital”. Para Soares (2004), o surgimento do conceito de letramento está ligado ao de alfabetização, o que comumente leva à fusão desses dois processos, tidos como sinônimos. Contudo, a autora esclarece que essa fusão é equivocada.

É curioso que tenha ocorrido em um mesmo momento histórico, em sociedades distanciadas tanto geográfica quanto socioeconômica e culturalmente, a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, *alphabétisation* (SOARES, 2004, p. 59).

Nesse mesmo sentido, Tfouni (1988) defende que o letramento é o confronto com a alfabetização, que está ligada a adquirir a escrita, habilidades para leitura e práticas da linguagem, enquanto o letramento está focado nos aspectos sócio-

² Com as formas de comunicação que se associam diretamente ao advento de gêneros que possam acolher as novas necessidades de intercâmbio na comunicação, a “cibercultura”, enquanto manifestação das tecnologias digitais e de seu desenvolvimento, representa elo de ligação, dispersão e intercâmbio de diversas formas de cultura que há pelo mundo. Toda a inteligência artificial – banco online, cartões virtuais, voto eletrônico, palmtops, inscrições/provas/cursos via rede, comunicação instantânea em massa etc. são provas de que a cibercultura é presente e veio para ficar. Com ela, vem a necessidade de letrar os nossos estudantes às novas exigências de mercado e, por conseguinte, aos novos gêneros textuais.

-históricos da aquisição da escrita. Ou seja, analisar, estudar, testar e catalogar o que acontece nas sociedades quando adotam certo tipo de escritura ou quando as trocam por práticas psicossociais – como é o caso de sociedades tais como os Incas que não desenvolveram um sistema próprio de escritura, embora fossem uma civilização avançada. Dessa maneira, letramento seria o impacto social da escrita, “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1988, p. 16).

No entanto, para Magda Soares, o impacto social é apenas um dos componentes do letramento, pois “letramento é o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a leitura e/ou escrita é parte integrante da interação entre pessoas” (SOARES, 2004, p. 60). Sendo assim, para que um indivíduo se considere letrado, ele tem de dominar o código escrito e fazer uso de acordo com a exigência da sociedade, já que há necessidade de adaptações, inteligências múltiplas e adequações.

Para Yates (2000, p. 233), há um processo por ele denominado “radicalização do uso da escrita”. Esse processo deve-se em grande parte à chegada de novas tecnologias digitais, o que torna a nossa sociedade “textualizada”, ou seja, as pessoas (com destaque para os estudantes da educação básica) têm mais acesso aos textos e à escrita. Sim, é possível dizer que os estudantes dessa faixa etária, com o advento da internet, têm escrito mais e por mais tempo em comparação a algumas décadas atrás. Para adaptar-se ao mundo moderno, foi preciso desenvolver uma capacidade de comunicação única, com ênfase na escrita nas mídias sociais, que só existe dentro do campo cibernético. Não se trata mais de estudar gêneros textuais ligados apenas a uma produção escrita ou conversação tradicionais, mas gêneros híbridos, que contam com misturas de diversas semioses.

[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá ‘maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais (MARCUSCHI, 2004, p. 13).

Para o sucesso da abordagem desses gêneros, cabe desenvolver as habilidades dos estudantes de serem bem-sucedidos tanto na compreensão e produção dos gêneros tradicionais, enquanto exigências para um bom desempenho na vida acadêmica; quanto na interpretação e realização dos gêneros do presente, normalmente escritos com as características da oralidade, para a manutenção

de sociabilidades por meio de mensagens instantâneas como as do *Whatsapp* e *Facebook*.

Com vistas a atender a essas demandas, elencaram-se as competências gerais, a partir das quais se inscrevem as habilidades específicas da BNCC. Assim, de acordo com a BNCC, uma competência é o resultado de aprendizagens que permitam utilizar o conhecimento em situações em que se necessita tomar decisões pertinentes. Em outras palavras, apenas a aprendizagem significativa pode de fato constituir uma competência³. Para tanto, a BNCC propõe que a escola trabalhe com gêneros textuais mais conhecidos pelos estudantes e, portanto, que se inserem na internet. Esses gêneros do presente devem ser aliados às aulas. Como estratégia, o professor pode trabalhar conteúdos já conhecidos ou familiarizados pelos estudantes e debater a linguagem utilizada por eles, dialogar sobre o modo como esses gêneros do presente são organizados e quais os princípios éticos envolvidos. Dependendo do contexto, pode-se também traçar táticas e possibilidades para que os estudantes, também, produzam textos desses gêneros do presente.

Acredita-se que a grande demanda do letramento extrapole a condição de interpretar as informações veiculadas digitalmente. A esse *download* de conteúdo deve-se somar a importância de lançar contribuições pessoais que implementem a rede de conhecimentos por meio da prática do *upload* de conteúdos.

LER E ESCREVER (N)OS/APESAR DOS GÊNEROS DO PRESENTE

A aplicação das modalidades escrita e oral nos gêneros do presente representa um conceito dicotômico e circular: ao mesmo tempo em que a linguagem escrita é permeada por marcas de oralidade no meio digital, ela representa a modalidade a que mais os estudantes estão expostos. Nota-se o entrecruzamento das modalidades escrita e oral da língua, como se houvesse uma fala por escrito. Diferente do que ocorria em passado recente, os estudantes não estão mais alheios ao universo da escrita fora da sala de aula. Atualmente, torna-se vital trabalhar também a oralidade em sala de aula, já que a comunicação escrita, motivada pelo uso de aplicativos como o *Whatsapp* e a permanência em frente às telas de celulares e *smartwatch* acaba por substituir a prática da oralidade.

³ A saber, as dez competências gerais da BNCC são, respectivamente, as seguintes na leitura pontual de Penido (2019): conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania.

Cabe lembrar que oralidade e escrita são duas modalidades que permitem usos formais e informais. Diferente do que comumente se apregoa, não é apenas na modalidade escrita que se necessita cuidar do registro. Por vezes a formalidade faz-se necessária em gêneros orais, tais como em pregações ou apresentações faladas em eventos acadêmicos, como congressos, simpósios ou seminários. É fato que, como o estudante tem acesso aos registros informais da língua, com o uso pragmático e socialmente situado dos gêneros do presente, o acesso aos cânones literários permanece como encargo da escola, embora seu conteúdo possa ser disseminado com mais facilidade por meios multissemióticos.

O uso intenso da escrita nunca ocorreu tanto na história da humanidade. Esse fato sem precedentes traz um novo desafio às aulas do ensino de língua materna. Nesse contexto, cabe considerar diversas questões que visam à reflexão do docente de Língua Portuguesa. A saber: Em que medida a linguagem usada nos gêneros digitais pode ser tida como desvios à norma-padrão?; Como trabalhar a gramática normativa com os recursos dos gêneros digitais?; Como a gramática normativa pode ser trabalhada nesse contexto multimodal?; Ser poliglota em sua língua materna, como sugere Bechara, engloba também comunicar-se nos gêneros digitais de maneira fluente, sem o filtro das normas-padrão?; Cabe ao docente de Língua Portuguesa demonizar a escrita corrente dos gêneros digitais, corrigindo-a sem cessar?

Tantas questões comprovam os desafios do profissional em associar os gêneros do presente aos tradicionais no trabalho de ensino de padrões gramaticais, interpretação e produção de textos em língua materna. A isso soma-se a contraposição dos suportes e formas de escrita.

Para tratar do assunto, sem retornar aos primórdios da produção escrita, nota-se nos manuscritos a prática de empregar a redação como meio de comunicar assuntos cotidianos, a fim de transmiti-los a pessoas ausentes e, portanto, impossibilitadas da transmissão oral das informações. A propagação de conhecimento pelo meio escrito, com seu caráter perene, autorizava não apenas a transferência de ideias, mas proporcionava o arquivamento dos dizeres. Considerando a comunicação virtual como a atualização das antigas correspondências manuscritas, nota-se a existência de um longo processo de aperfeiçoamento tecnológico até a linguagem de programação nos padrões do famoso “www.” (World Wide Web), que possibilita os atuais posts e mensagens instantâneas. O imediatismo desses contatos virtuais não pressupõe rascunhos, nem necessita de outros meios para se realizar. Daí o fato de se afirmarem que a rede social tenha tornado obsoletas as formas de comunicação escrita de que derivou.

Contudo, nota-se que os gêneros textuais tradicionais não foram substituídos ou transformados em digitais. Eles continuam coexistindo. Do mesmo modo que a cultura manuscrita não deixou de existir com o advento da imprensa, os gêneros textuais/discursivos tidos como tradicionais permanecem na sociedade, embora com funções sociais mais específicas. O caráter socialmente demarcado de comunicações escritas em suporte papel é inegável. Seja com característica artesanal ou afetiva das cartas e bilhetes pessoais, seja a formalidade de ofícios e mandatos impressos que demandem um protocolo de recebimento, a comunicação deslocada do meio virtual exige um motivo especial. Por exemplo, costuma-se afirmar que receber uma carta manuscrita em época de WhatsApp tornou-se prova de amor e é sobre esse tópico que se abordará a seção subsequente.

ESCOLAS: INSTITUIÇÕES QUE APRENDEM

Haja vista que a revolução tecnológica expandiu as formas de comunicação, torna-se necessário compreender como essas transformações repercutem nas relações interpessoais na sociedade contemporânea, sobretudo dentro da sala de aula, na educação básica.

Ao se estudar a história da escrita, constata-se que, desde a invenção do alfabeto, as mudanças e diversificações têm se mostrado crescentes. Os ambientes linguísticos e seus gêneros textuais têm evoluído gradual e proporcionalmente à necessidade de adaptação à chegada da internet, ao espaço digital, às redes sociais, à comunicação mais do que rápida, instantânea. A transformação é tão acelerada que até o correio eletrônico, que há pouco tempo mostrava-se tão atual, agora já se torna “o avô” do “WhatsApp” que, por sua vez, deixa os SMS fora da linha do tempo, esquecidos e em desuso. Sim, pode-se dizer que o gênero do presente *e-mail* já não se revela tão adequado ao mundo moderno, pois precisa de respostas céleres e práticas.

A chegada dos atuais adolescentes ao “ciberespaço” trouxe a constatação de que se adaptar aos novos gêneros é preciso para que suas finalidades comunicativas sejam inseridas dentro desse novo contexto. Para tanto, torna-se mandatório rever e adaptar a comunicação oral e escrita e, sobretudo, adicionar novos significados aos signos linguísticos inseridos nesse contexto, tais como onomatopeias, ruídos, “emojicons” e “gifs”. Afinal, são esses signos que tornam a comunicação mais fluida e, de maneira indissociável, imprimem ao texto digital aspectos de menor formalidade. Nesse sentido, listam-se a seguir alguns gêneros do presente que derivam de um tradicional e vêm se estabelecendo:

Quadro 2 – Gêneros emergentes

Trailer honesto	Videoclipe que anuncia um filme para leigos ou fãs. Diferente dos trailers convencionais, em que a produção é por meio da indústria, o trailer honesto é feito por telespectadores que comentam as cenas e seus pontos negativos.
E-zine	Fanzine distribuído por e-mail, site ou canal web. A estrutura é parecida com uma revista periódica ou temática.
Gameplay	Vídeo com orientações para os internautas aprenderem as técnicas ou macetes de um jogo. Geralmente, um ou dois jogadores explorando um jogo e interagindo em todos os recursos, fases e temas do jogo em questão.
Detonado	Parecido com o gameplay. A diferença que se dá é que no “detonado” o jogador mostra passo a passo como vencer as fases do jogo. Há a presença de legenda e capturas de tela.
Pastiche	Texto literário escrito a partir de outro de um escritor consagrado e seguindo o mesmo estilo. Não é plágio, tampouco paródia, pois a intenção do autor não é a de satirizar.
Ciberpoema	Poemas construídos digitalmente com animações e interações de quem os leem. Há a possibilidade da convergência de texto, som e imagem.

Fonte: Elaboração própria.

Não podemos negar que o ciberespaço representa o local, embora não físico, onde os estudantes do ensino básico estão inseridos. Nesse espaço, eles interagem, dão extrema importância a esta interação e se desenvolvem em compartilhamentos pedagógicos, artísticos, estéticos e políticos. Nesse contexto, torna-se evidente que a escola precisa adaptar-se às novas tecnologias, mas, acima disso, necessita que seus gestores e professores passem a ver as novas formas de comunicação sem preconceito. Assim, a educação e a sala de aula precisam demonstrar inovações disruptivas⁴, de modo a romper com antigos paradigmas de que a aula boa deve ser apoiada unicamente nos gêneros tradicionais. Ao mesmo tempo,

⁴ Nos dias atuais, para que uma empresa tenha sucesso, incluso a escola, é preciso que ela seja uma organização de aprendizagem, ou seja, um lugar onde as pessoas sintam que estão aprendendo, crescendo e se desenvolvendo. Terão de sentir que hoje houve um progresso em relação à ontem, amanhã deverão ver que progrediram em relação à hoje. Todos têm de perceber que estão aprendendo, crescendo. Afinal, “é preciso destruir a ilusão de que o mundo é formado por forças separadas, não relacionadas entre si. Livrando-nos dessa ilusão, podemos então formar “organizações de aprendizagem.” (SENGE, 1994).

torna-se inviável partir para o extremo oposto, com a crença de que apenas a tecnologia pode suprir lacunas de aprendizagem. Nesse sentido, sugere-se o uso equilibrado e refletido sobre ambos os gêneros textuais.

A sincronicidade da comunicação é um aspecto que alterou definitivamente as relações humanas, sobretudo as práticas sociais em sala de aula. Com tal tecnologia, a escola deve encarar os gêneros de comunicação como algo a ser inovado de forma disruptiva⁵. Deve-se pensar em como trabalhar os diversos gêneros textuais, sobretudo os do presente, de forma inovadora.

Partindo-se do pressuposto de que “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita” (MARCUSCHI, 2004, p. 18), justifica-se a direta e necessária conexão dos gêneros digitais e as aulas de Língua Portuguesa. Na contramão disso, parte dos colégios ainda desautoriza o uso dos celulares com função pedagógica em aulas.

A fim de promover a aprendizagem significativa, nós, enquanto professoras de frentes distintas⁶ da disciplina de língua portuguesa dos nonos anos do ensino fundamental (anos finais), tratamos do gênero tradicional carta em contraposição ao gênero do presente mensagem instantânea. Nesse contexto, destaca-se uma carta de amor manuscrita, recebida por uma aluna e por ela levada à aula como exemplo do gênero, cita o gênero digital dos posts em redes sociais, conforme imagem apresentada no anexo I. Ao usar um gênero menos corriqueiro para demonstrar seu amor pela namorada, o autor da carta menciona os gêneros digitais como corriqueiros, por meio dos quais ele acompanha as postagens de sua namorada com um sorriso após cada notificação recebida. Diante disso, destaca-se o fato de ele servir-se do gênero carta em suporte papel de maneira estratégica, em detrimento dos gêneros digitais mais práticos e acessíveis, o que reitera as valorações atribuídas aos diferentes gêneros pelos informantes da mesma faixa etária.

Lançamos aos estudantes uma reflexão metalinguística acerca dos gêneros digitais a partir de uma questão aberta: “Quais são as diferenças entre a carta de

⁵ Clayton Christensen, professor de Administração na Harvard Business School, conhecido pelo seu estudo de inovar dentro de grandes empresas, em seu livro “O Dilema da Inovação”, indicou dois tipos destas inovações – a sustentadora e a disruptiva. O primeiro tipo trata da inovação por criar um produto original e melhor do que o primeiro, ou prestar um serviço melhor do que o anterior. O segundo tipo de inovação, a disruptiva, consiste em melhorar um produto cujo mercado considera ruim. Muitas empresas, após avaliações dos clientes, buscam aperfeiçoar produtos ou serviços, antes considerados fracassados, e têm obtido êxito.

⁶ A Professora Aline Abreu ministra aulas de Gramática e Interpretação de Texto, ficando à frente de Produção de Textos sob responsabilidade da Professora Renata Munhoz.

amor escrita em papel e em gêneros digitais, como WhatsApp, e-mails, mensagens instantâneas inbox e posts?” Após discussão oral sobre a questão dos gêneros e, sobretudo, do trabalho de todo o bimestre sobre o tema do amor passionai, conforme proposto pelo livro didático adotado para a disciplina⁷, recebemos as produções textuais produzidas individualmente em resposta à pergunta norteadora.

A amostragem consiste em três classes de nonos anos, totalizando 84 estudantes. Desse universo de entrevistados por meio da questão aberta supracitada, encontrou-se a opinião homogênea de que as cartas produzidas em suporte papel são superiores às mensagens enviadas em meio digital com a mesma intenção. Apesar da concordância geral, os argumentos empregados como justificativa são diversos, conforme elencado a seguir.

Tendo em vista a quantidade de respostas, a ideia mais reiterada foi a de que a carta em papel tem o poder de transmitir ao interlocutor valor emocional maior do que mensagens digitais. Isso porque se revela mais genuína do ponto de vista da demonstração dos sentimentos e é, por conseguinte, mais romântica à medida que demonstra mais o afeto e o carinho do(a) redator(a).

De maneira intuitiva, remeteram em segundo lugar à tradição epistolar ao afirmarem que a carta em papel é mais antiga e, portanto, mais bem estruturada enquanto gênero. Nesse sentido, vale salientar que a mobilidade dos gêneros digitais devida aos fatores inerentes à multimodalidade são tidos como negativos e prejudiciais à comunicação efetiva com o(a) namorado(a).

Outro ponto de bastante destaque a favor do gênero em papel foi o de as cartas permitirem customização. Afirmou-se que a beleza estética do produto final revela o esmero do autor e, portanto, o seu interesse no interlocutor. Dessa forma, aspectos como ilustrações e caligrafia bem trabalhada denotam o capricho em busca de um produto personalizado e único.

Um aspecto bastante mencionado também foi acerca do valor material das cartas em papel e sua perenidade. Afirmou-se que as mensagens em gêneros digitais se revelam mais casuais por entregarem, de maneira abstrata ao interlocutor, apenas palavras desvinculadas de um suporte específico para aquela dada mensagem. Ademais, as cartas são tidas como mais perenes por sua facilidade em serem guardadas fisicamente, sem a necessidade de um suporte tecnológico para acessá-las no futuro. Citou-se que para se resgatar uma mensagem digital depois de um tempo, seria necessário acessar a nuvem e ter a senha do usuário, ou pesquisar em uma dada rede social. Essa busca intencional quebraria o

⁷ Trata-se do livro didático de CEREJA e VIANNA (2018).

encanto do reencontro fortuito com antiga missiva, o que ocorreria se estivesse guardada em uma caixa física, por exemplo.

Outro ponto notável foi a carta em papel revelar mais dedicação do produtor por demandar mais tempo. Ao sugerir que uma carta manuscrita indica que seu autor tenha dedicado parte do seu dia para isso, demonstra-se o posicionamento compartilhado de que o automatismo das mensagens instantâneas e posts não exige preparação e/ou planejamento, fluindo de maneira pouco reflexiva e despreocupada.

Com a mesma quantidade de opiniões, estão os três tópicos a seguir:

O de que há maior felicidade de se receber uma correspondência em papel, pois demanda abrir um envelope e/ou desdobrar a(s) página(s). A isso contrapõe-se o instantâneo clicar em uma notificação na tela do celular;

O fato de as mensagens digitais terem caráter impessoal por serem apenas digitadas. Nesse sentido, sugere-se que poderiam ser feitas por robôs ou que a pessoa não se deu ao trabalho de pensar em um texto, mas apenas copiar e colar enunciados. Valoriza-se, assim, o caráter “artesanal” de uma produção manuscrita;

E, por fim, os gêneros digitais serem mais informais, com abreviaturas, por exemplo, e vocabulário menos selecionado. Afirma-se, inclusive, que usar a língua de maneira mais formal e “correta”, desvinculada do que normalmente se produz no meio virtual, causaria estranhamento ao interlocutor ou aos outros usuários da dada rede social.

Assim, o tópico da linguagem, que em nossa opinião seria um dos mais apontados como diferença pelos estudantes, foi, na verdade, um dos que menos apontou ocorrências. As poucas asserções sobre esse tópico ultrapassam o uso da língua enquanto ferramenta comunicativa para adentrarem à esfera da manutenção do *ethos* autoral. Com isso, o autor, mesmo cômico das normas gramaticais, optaria deliberadamente por registros menos cultos, que o mantivessem adequado à dada comunidade virtual.

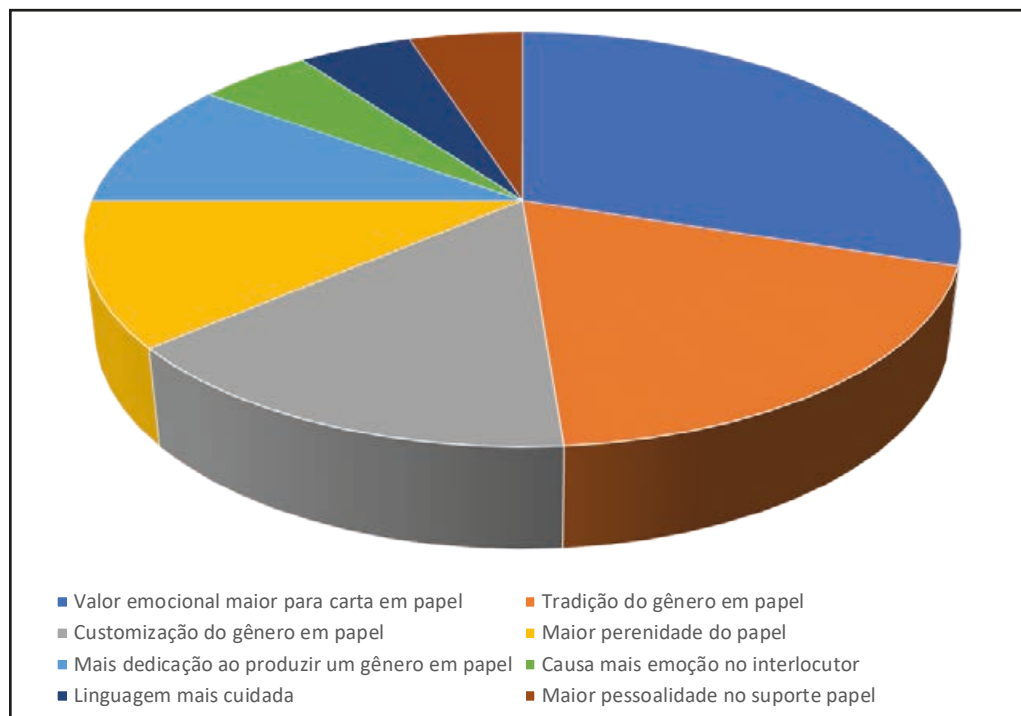
Além dessas, de maneira menos representativa numericamente, mas reveladora, mencionam-se a opiniões de que cartas manuscritas são raras atualmente e representam uma maneira mais privativa de interagir. Ademais, mencionou-se que em gêneros digitais é mais difícil manter o anonimato, haja vista a obrigatoriedade de identificação por login e senha ou, em última instância, pelo IP do aparelho eletrônico.

Interessante ressaltar que os gêneros digitais, por serem tão próximos da realidade dos estudantes, foram tidos como formas simplistas de se comunicar,

dada a sua rapidez e praticidade. Afirmou-se que não exigem esforço físico ou intelectual ao serem produzidos. Outro aspecto digno de menção foi também o de que as mensagens eletrônicas têm menor capacidade de exprimirem sentimentos mais profundos como o amor passional, pois são feitas para traduzirem sensações do momento específico da produção.

Pela soma das respostas que mencionaram cada um dos tópicos, obteve-se, pois, a seguinte percentagem:

Gráfico 1 – Diferenças entre o suporte papel e o digital



Fonte: Elaboração própria.

De maneira surpreendente, nenhum dos informantes definiu os gêneros digitais como superiores à carta. Assim, revela-se que, diferente do que as gerações anteriores preveem, os nativos digitais consideram os gêneros tradicionais como superiores por todos os motivos citados, mormente pela instabilidade dos gêneros do presente.

O contato excessivo do nativo digital com os gêneros do presente faz com que sua visão acerca deles seja deveras simplificada, definindo-os como os gêneros em que não se demanda trabalho e se faz rápido. Em contrapartida, o

pouco contato dos estudantes com gêneros textuais tradicionais faz com que esses sejam mais valorizados.

Como os próprios estudantes preveem, os gêneros tradicionais demandam produção consciente tanto em relação ao formato do texto quanto ao uso da linguagem. Desta maneira, as instituições escolares precisam de fato aprender que o protagonismo dos estudantes precisa ser levado em consideração para que de fato ocorra a aprendizagem significativa. Considerar os conhecimentos prévios dos estudantes é essencial, mas não deve significar que o planejamento das aulas possa limitar-se a esses conhecimentos, tampouco limitar as práticas da sala de aula aos gêneros já dominados pelo alunado. Torna-se, pois, indispensável que os estudantes dominem de fato os gêneros do presente por meio do indispensável letramento digital, e que, indissociavelmente, aprendam a interpretar e produzir os tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem precedentes diretos na história quanto à rapidez e interatividade de comunicação, os gêneros do presente devem ser trabalhados como ferramentas essenciais ao momento histórico em que vivemos. Afinal, não é possível assegurar o que ocorrerá nos anos vindouros: se tais gêneros tornar-se-ão obsoletos a exemplo de outras plataformas como *ICQ* ou *Orkut*; se continuarão a imperar soberanos para a comunicação interpessoal; ou, ainda, se serão aprimorados com novas funções e possibilidades.

Embora sem a certeza do futuro, infere-se que os gêneros do presente representam realidade a ser de fato trabalhada em sala de aula: não de maneira isolada e estanque como podem sugerir leituras mais apressadas da BNCC, mas em concomitância com os gêneros textuais tradicionais. Afinal, a exemplo da cultura manuscrita, que coexistiu com a imprensa, muito embora sendo usada para fins mais específicos, reitera-se que os gêneros tradicionais não devam ser tidos como obsoletos se comparados aos do presente. Acredita-se, pois, em última instância, que a cultura digital deva ter peso relativo, enquanto ferramenta capaz de conduzir à aquisição da primeira competência geral da BNCC, a da aquisição de conhecimentos historicamente construídos, mas, sobretudo, capaz de desenvolver nos estudantes brasileiros a valorização da diversidade, do autoconhecimento e da empatia, previstos nas competências seguintes, para que se atinja de fato “a formação humana integral”, com vistas à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 7).

Diante do exposto, sugere-se que a implementação da BNCC em cada currículo deva adequar-se à realidade circunstante com mais ou menos contato dos estudantes aos gêneros do presente, conforme previsto pelo próprio documento. Nesse sentido, as aulas de Língua Portuguesa devem trabalhar seus conteúdos canônicos de maneira a permitir que tanto a prática metodológica quanto os objetos de estudos sejam perpassados pela cultura digital. Contudo, sem escala de valoração, apenas considerando a adequação e aplicabilidade ao contexto de uso, devem-se empregar tanto os gêneros tradicionais quanto os do presente, de acordo com a necessidade do alunado, seja como conhecimento prévio àqueles inseridos no universo digital, seja como tópico ser aprimorado aos ainda distanciados da inclusão digital.

Dessa forma, torna-se fundamental que os professores trabalhem os gêneros digitais, tal como prevê a BNCC, mas que, sobretudo, deem ênfase à ressignificação desses gêneros para atividades cotidianas. Os aspectos pragmáticos destacam-se e superam gêneros textuais que tinham como suporte essencial os suportes cartáceos. Torna-se necessário, nesse cenário, direcionar o estudante a agir de fato com protagonismo, passando do papel de mero receptor e consumidor dos conteúdos transmitidos por esses gêneros à postura de protagonismo. Isso é, para que o estudante atue de modo a produzir também seus próprios enunciados digitais, se possível com a autonomia e a criatividade capazes de criar conteúdos originais.

Insistimos que a originalidade é ponto crucial de um tempo em que a quantidade de informações e a rapidez de propagação dos conteúdos parece demonstrar que todo o possível já foi feito/dito. Nesse sentido, sugerimos que habilitar o estudante a fazer também *upload*, ao invés de apenas *download* de informações, seja um dos grandes desafios dos educadores atuais. Desafio esse que consiste sobretudo em transpor preconceitos como o fato de os gêneros textuais serem tidos como formatos engessados que cerceiam a produção criativa; a desvalorização de variantes linguísticas e a sobreposição do ensino de gramática como centro da aula e não a produção/reescrita de textos com vistas a implementar a comunicação efetiva dos discentes.